

VERGÍLIO FERREIRA E O VELHO REI

Helder Godinho

Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Este artigo procura mostrar como o interesse de Vergílio Ferreira, várias vezes repetido ao longo da sua obra, pelo quadro *O Velho Rei* de Rouault se insere no centro da problemática de toda a sua obra. Com efeito, a questionação existencial tem a ver com a ausência de Deus que a ausência, fraqueza ou degradação do Pai das diversas personagens vergilianas redobra sobre a Terra e que marcou profundamente toda a obra de Vergílio Ferreira. Esta ausência e fraqueza é isomorfa da fraqueza e degradação do velho Rei, de que Lear é também representante importante que Vergílio Ferreira associa algumas vezes ao Rei de Rouault.

Abstract

This article tries to show that the interest of Vergílio Ferreira in the painting of Rouault *The Old King*, several times mentioned throughout his Works, is related with the core of the problematic of the author. Indeed, the existential questioning has to do with the absence of God that the absence, feebleness or degradation of the Father of the vergilian characters echoes on Earth and deeply marked the entire Work of Vergílio Ferreira. This absence and feebleness is isomorph of the feebleness and degradation of the old King, that Lear also is represents, Lear which is sometimes associated by Vergílio Ferreira to the Rouault's old King.

Palavras-Chave

Ausência, loucura, morte, Rouault, Vergílio Ferreira

Keywords

Absence, madness, death, Rouault, Vergílio Ferreira

Ao longo da sua obra, romances, ensaios e diário, Vergílio Ferreira fala repetidamente do quadro de Rouault *O Velho Rei*. Cito, por me parecer muito significativa, esta passagem de *Apelo da Noite*: “Meu *Velho Rei*... Trágica memória de uma grandeza escarnecida, com a flor da loucura e do sonho, ainda segura na mão... Perene destino do homem. Se *Édipo* vazou os olhos, reconquistou ainda, apesar de tudo, o seu triunfo entre os homens e os deuses. E *Lear* teve ainda, para a sua miséria, o amor filial. Mas tu, meu *Velho Rei*, tens só a tua pobre flor, frente à condenação. Em momentos de milagre, como reconheço violentamente a tua profunda tragédia, meu pobre rei coroado de injúria. E como então me apetece chorar...” (192). E, em *Do Mundo Original*: “Meu *Velho Rei* de Rouault, sonho trágico e milenário do homem, grandeza decaída, com a tua coroa já de Carnaval, essa flor de lirismo e de loucura na mão! É pois certo que não há degradação, nem lama, nem terror de carrascos que te façam desistir. Eles riem-se de ti, porque tudo em ti é tão tolo! Essa coroa, essa flor... Eu choro-te e reconheço-te meu irmão” (173). O velho rei, que o quadro homónimo de Rouault representa, é, assim, imagem da condição humana condenada à morte e à degradação, mas que não abdica do sonho, o que, neste caso, significa que não abdica da relação com o “mundo original” a que a arte (aquí a flor) dá acesso e que alguns momentos de “aparição” trazem para o quotidiano. É também a relação com o que, mais tarde, Vergílio Ferreira chamará a Ordem Universal.

Ora, a condição humana sente o valor da vida diante da morte que se lhe opõe e lhe põe termo, obrigando, por isso, a questioná-la e a pensá-la, e que a degradação da velhice anuncia e introduz: “Portanto eu tinha um problema: justificar a vida em face da inverosimilhança da morte. E nunca mais até hoje eu soube inventar outro” (*Aparição*: 47). Ou: “Imaginar a condição do homem, sentir bem a alucinação da morte, era um milagre para raros apenas” (*Cântico Final*: 165) A flor do velho rei mostra a persistência e a não-desistência da presença da vida, mesmo quando a degradação física e mental da velhice dela nos afasta. A obra de Vergílio Ferreira trata este assunto de forma multifacetada. Mas convém lembrar outro velho rei, *Lear*, degradado nas suas faculdades e no seu poder, degradação a que as duas filhas mais velhas, com os seus maridos, reagem ocupando o lugar do pai com impiedade e a que apenas a filha mais nova, *Cordélia*, reage com piedade filial. A ligação de *Lear* ao *Velho Rei* é repetida em vários lugares. Por exemplo, em *Do Mundo Original*: “O *Rei Lear* não é o *Rei Édipo* – lembra Spengler e nós com ele. Mas é de

um e de outro a história de uma grandeza vencida por um destino: - é o eco dessa tragédia que ressoa no *Velho Rei*, de Rouault, já bem mais nosso pela agressiva virulência da flor do lirismo e da loucura que o Rei segura na mão” (120).

Esta ligação, em si natural, de Lear e do velho Rei do quadro de Rouault, é importante no universo imaginário de Vergílio Ferreira. Antes de mais, porque a degradação humana própria da velhice, tão lúcida e emotivamente descrita em *Em Nome da Terra* (na minha opinião, um dos seus maiores romances), é acompanhada frequentemente por uma impiedade filial (que, de resto, acontece também nesse romance)¹ que, no conjunto da obra de Vergílio Ferreira, se insere numa separação das gerações de que uma das manifestações tem a ver com uma ausência parental primordial².

Nítido Nulo é claro a esse respeito: “Em Novembro, talvez, ou foi em Dezembro? Meu pai partiu. Ia à frente, só, a desbastar o terror para depois minha mãe se instalar. E minha irmã – *nunca os amei*. Ou foi há tanto tempo, que é como se nunca. Nunca amei ninguém – quem é que me amou? Amei sempre toda a gente. Mas de longe, desde o susto e a desconfiança” (130, meu sublinhado). Ou seja, a separação que a partida dos pais promoveu trouxe como consequência a falta de amor do filho. Logo desde os poemas da adolescência, o pai é acusado de não ensinar o caminho para a pátria donde o jovem poeta está exilado: “o meu regresso não deixo festejar, / nem quero que me vão matar vitelos, / nem que me vistam fatos dos mais belos, / enquanto o Pai me não disser: ‘meu filho, / eis o teu trilho!’” (Poema “O Filho Pródigo”)³. A fraqueza do pai de *Estrela Polar* introduz mesmo a dúvida sobre a genealogia do narrador (será filho dele?) e, ligado a isso, aparece a figura das gémeas, cuja origem é também incerta, e que hipostasiam uma Presença para além delas. A *ausência*, tema maior de toda a obra de Vergílio Ferreira, é, assim, introduzida pela fraqueza ou falta da figura parental que não indica o caminho e que promove o *desconhecimento da origem*, o que, a nível metafísico, se desdobra da ausência de Deus e da interrogação existencial.⁴ Criou-se, então, com a ausência e não-operacionalidade da figura paterna, uma separação de gerações, em que a comunicação é sempre difícil, que percorrerá

¹ A ligação repetida de Lear, de Édipo e do Velho Rei não é, certamente, estranha a esta questão.

² Mais tarde, a ausência vai ganhar uma força mais trágica pela morte da colega amada, de fundo biográfico mas transposto para vários lugares da obra.

³ Os poemas de Vergílio Ferreira não estão publicados. Ver o meu estudo “Uma leitura dos poemas inéditos de Vergílio Ferreira”. In Helder Godinho (ed.). *Estudos sobre Vergílio Ferreira*, Lisboa, INCM, 1982: 389-398.

⁴ Ver o meu estudo “Vergílio Ferreira, a Palavra e a Ausência”, comunicação ao Colóquio de Gouveia em Maio de 2016 (para publicação nas *Actas*, em Janeiro de 2017).

toda a obra de Vergílio Ferreira e que está, como se vê, intrinsecamente ligada ao tipo de questionação existencial que vai desenvolver.

Uma das variantes dessa separação é, como em *Vagão J*, o pai doente e incapaz de prover às necessidades da família, o que o *afasta* desta, da qual apenas consome os fracos recursos, ao ponto de o tio Gorra propor a Manuel Borrvalho que levem o pai a um médico da Covilhã para que este lhe dê algo que o mate. O médico recusa, mas o pai percebe e suicida-se no regresso, numa bela passagem em que a sua morte é contraposta à beleza dos campos e à força da vida que começa: “Nos campos a vida grita uma plenitude de sangue fresco, o céu é azul. Por isso custa morrer. Sempre em torno rebenta a esperança dos que começam, a vida renova-se (...). Por isso custa morrer” (136).

Ou seja, o pai é, ao longo de grande parte da obra de Vergílio Ferreira, um Velho Rei degradado (o velho Bruno de *Mudança*, arruinado, também se suicida) cuja ausência ou degradação marca negativamente a vida dos filhos, negatividade que se prolonga por falta de amor (“nunca os amei”), que, de resto, não é exclusivamente dos filhos para o pai mas também deste para com os filhos. *Nítido Nulo*, romance onde a partida da mãe e da irmã, para irem ter com o pai, causador da separação, na carroça do Beltra é descrita com muita emoção, é igualmente claro a esse respeito: “Sei que é meu filho pelo modo como me detesta, se ri de mim. Não o posso amar” (218). A separação, incomunicabilidade e agressividade das gerações está presente em grande parte da obra de Vergílio Ferreira (não só ficcional). A filha do narrador de *Em Nome da Terra*, Márcia, é um exemplo disso, dos mais eloquentes: conseguiu criar as condições para que o pai, viúvo e mutilado, acabasse por ir para um lar para que ela, com o marido e os filhos, se pudesse instalar na casa agora vaga. Ainda nesse romance, que fala da degradação do corpo e de toda a dignidade (o Velho Rei), a separação de valores com os outros dois filhos do narrador é total: um tornou-se padre e acredita em Deus, o outro ausentou-se para alguma parte longínqua do mundo e faz uma poesia sem significado, ironicamente referida pelo pai narrador. Este corte das gerações liga o Velho Rei ao Rei Lear, com a agravante de não haver nenhuma Cordélia a estabelecer alguma ligação, afectiva ou de valores, com o velho pai decaído, como já referi.

Vergílio Ferreira tinha mesmo uma reprodução do quadro de Rouault no escritório da casa de Fontanelas, de que fala algumas vezes em *Conta Corrente*, insistindo sobre a flor que o velho Rei tem na mão. Por exemplo: “No vidro do quadro do *Velho Rei* de Rouault vejo reflectida, por entre a rama dos pinheiros, a bola de fogo do sol-poente. (...) olho o velho Rei já coberto de sombra. (...) O velho Rei tem a flor na mão, medita

sobre a sua amargura. (...) Olho o velho Rei ainda, a olhos compadecidos. Ele cerra o olhar sobre si, ostenta a flor lírica da loucura na mão e uma comoção funda humedece-me a alma” (*Conta Corrente 2*: 215).

O que é importante notar, na importância que Vergílio Ferreira dava ao Velho Rei de Rouault, é que esta imagem do velho Rei degradado mas que não abdica do amor à beleza e à vida, como mostra a flor que tem na mão e sobre que Vergílio Ferreira insiste (equivalente da morte do pai Borrvalho diante da força da vida da natureza) é uma espécie de imagem que resume uma situação em que *radica* a problemática questionante de Vergílio Ferreira. Com efeito, esse velho Rei degradado é, o que é muito claro no caso de Lear, imagem do pai fraco. A degradação da velhice do velho rei Lear deixou-o à mercê dos filhos, agora que já não tem força para exercer a sua função real e paterna. Em Vergílio Ferreira, o pai é, como já referimos, um elemento fraco ou que, ao partir, se torna negativo (“Meu pai era um elemento secundário suplementar como em todo o lar bem constituído” - *Até ao Fim*: 160). Pai fraco e desvalorizado que atinge, talvez, a sua expressão mais trágica em *Até ao Fim*: para além da fraqueza do pai do narrador, ele próprio é um pai fraco que não se consegue, sequer, impor à mulher Flora, que vive como se ele não existisse, fraqueza essa que redobrou o distanciamento e desinteresse de Flora pelo filho de ambos, o que levou este à degradação psicológica e à morte.

O filho está, assim, *separado e só* como já estava o narrador de *Nítido Nulo* quando os pais partiram e como também está o narrador de *Para Sempre*, cujo pai emigrou sem nunca mais ter dado sinal de vida, o que levou a mãe à loucura. Interessantemente, o narrador não consegue entender a palavra que a mãe pronunciou ao morrer e que poderia ser a palavra fundamental que desse a cifra da vida. Ou seja, é a ausência da Palavra parental que move a interrogação existencial da arquipersonagem que os narradores ou personagens que conduzem a acção consubstanciam (já o pai do poema “O Filho Pródigo” nunca disse a palavra que ligaria à verdadeira pátria, mostrando o trilho para ela, como referimos). O que não pode deixar de se ligar à dúvida sobre a genealogia (não sabe quem é) que *Estrela Polar* introduz, levando o filho a uma interrogação sobre a Vida que terá como pontos recorrentes a procura de uma Presença (Mulher e/ou Verdade) inencontrável para lá das mulheres ou verdades que, ocasionalmente a hipostasiavam. Esta situação leva à equivalência das mulheres (as gémeas) ou das verdades que se sucedem e são equivalentes na sua caducidade e não-perfeição (veja-se, logo em *Estrela Polar*, as reuniões políticas), como o percurso do narrador de *Rápida, a sombra* pelas reuniões culturais, sempre insatisfatórias, é um dos melhores exemplos na obra de Vergílio Ferreira. Ou, de forma

ainda mais impressiva, os vários discursos do Arquitecto de *Signo Sinal* defendendo sucessivamente valores diferentes, que se materializariam na organização material da aldeia arrasada pelo sismo, mas que são igualmente defensáveis com argumentos equivalentes.

O Pai ausentou-se, como Deus se ausentou, deixando as dúvidas metafísicas para os homens, seus filhos. As figuras paternas são figuras desvalorizadas, como o Velho Rei ou o Rei Lear, a cuja “ausência” (enquanto não-capazes de exercerem a função paterna) responde o desinteresse e impiedade dos filhos. Eles são a imagem da falta de rumo dos valores. Mas a flor do Velho Rei de Rouault mostra a permanência da capacidade de sentir o *espanto* que nos liga ao que na vida está para além dela e que a interrogação metafísica e a criação estética perseguem. A ausência da força, da dignidade e dos valores levou, assim, à interrogação e à procura da Beleza, como a solidão do narrador de *Em Nome da Terra*, degradado pela perna amputada, completamente separado dos filhos, e “agredido”, mesmo pela filha que o expulsou de casa para nela se instalar, o levou a recriar a mulher morta, transformando-a numa figura da Presença, ou seja, da representação do indizível e inencontrável, mas sempre procurado. Essa mulher, ela própria imagem da degradação do corpo e da mente devido à doença que a matou, ela que, outrora, fora bela e com um corpo excelente e atlético (ginasta), é, agora, recriada como Presença que dá corpo ao *espanto* (a que a flor do Velho Rei o ligava ainda) e une o narrador, através dela, ao universo, tornando inúteis as interrogações. A Mulher torna-se divina (como a Elsa de *Cântico Final* se tornara ao assumir a face da Senhora da Noite no altar da capela) e a unidade dos dois mundos (este e o “outro”, de que fala o “mundo original” a que a arte dá acesso), desfeita desde os poemas, é, assim refeita: “E vão sendo horas enfim de descermos ao rio. (...) Não terei medo da tua presença com toda a sua força de me fazer ajoelhar. (...) E olharemos o céu limpo e sem estrelas. E acharemos perfeitamente natural *porque a iluminação estará em nós*. (...) E direi para toda a história futura, na eternidade de nós / -Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da perfeição” (294-295, meu sublinhado). A mulher recriada pela arte une o narrador ao universo, e a pátria de origem distante, de que se queixavam os poemas da adolescência, e toda a obra restante de Vergílio Ferreira, e que a estrela, sobretudo polar, simbolizava, é, agora, trazida para a vida da arquipersonagem, abolindo a Disjunção.

É a força da flor que o Velho Rei mantinha na mão, marca do *espanto* que liga à Vida e ao seu mistério, para além do quotidiano.

Obras de Vergílio Ferreira referidas

1.

- Ferreira, V. *Vagão J*, Coimbra, Coimbra Editora, 1946.
Ferreira, V. *Mudança*. Lisboa, Portugalíia, 1949.
Ferreira, V. *Cântico Final*, Lisboa, Ulisseia, 1959.
Ferreira, V. *Aparição*, Lisboa, Portugalíia, s.d. (1959).
Ferreira, V. *Estrela Polar*, Lisboa, Portugalíia, s.d., (1962).
Ferreira, V. *Apelo da Noite*, Lisboa, Portugalíia, 1963.
Ferreira, V. *Mudança*, Lisboa, Portugalíia, 1969, 3ª edição.
Ferreira, V. *Nítido Nulo*, Lisboa, Portugalíia, 1971.
Ferreira, V. *Rápida, a sombra*, Lisboa, Arcádia 1975.
Ferreira, V. *Signo Sinal*, Lisboa, Bertrand, 1979.
Ferreira, V. *Para sempre*, Lisboa, Bertrand, 1983.
Ferreira, V. *Até ao fim*, Lisboa, Bertrand, 1987.
Ferreira, V. *Em Nome da Terra*, Lisboa, Bertrand, 1990.

2.

- Ferreira, V. *Do Mundo Original (Ensaíos)*. Coimbra, Vértice, 1957.

3.

- Ferreira, V. *Conta Corrente 2*. Lisboa, Bertrand, 1981.

Helder Paulo Lourenço Godinho

Professor catedrático aposentado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Áreas de interesse: Vergílio Ferreira, Idade Média Francesa e Teoria do Imaginário. Tem publicado numerosos trabalhos sobre a obra de Vergílio Ferreira, de que se destaca *O Universo Imaginário de Vergílio Ferreira*.